

# Boletim

Nº 2.084 - Ano 46 - 9 de dezembro de 2019

Acervo Ars Nova

## AFETO E RECONHECIMENTO

O Ars Nova-Coral da UFMG completa 60 anos em 2019. Ex-integrantes relembram momentos importantes e falam do papel do grupo para o desenvolvimento da música coral no Brasil e para a formação de cada um deles. As comemorações serão encerradas nos tradicionais concertos de Natal.

Páginas 4 e 5





# EDUCAÇÃO em estado de TENSÃO

Marcos Fabrício Lopes da Silva\*

Imagine 30 milhões de palavras em três anos. Dez milhões por ano. Esse é o número de palavras que uma criança rica escuta a mais que uma criança pobre, segundo um estudo de Hart e Risley feito para os Estados Unidos – mas que vale também para nós. As diferenças entre crianças ricas e pobres já são gigantescas, portanto, antes do 1º ano do ensino fundamental, e, ao longo do percurso de aprendizagem, o abismo só aumenta. Deveríamos estar criando um projeto de país que aplicasse mais recursos e políticas na primeira infância, sem esquecer os outros ciclos de ensino e aprendizagem que também precisam de atenção prioritária. No caso da educação, mais do que nunca, como já dizia o antropólogo Luís da Câmara Cascudo (1898-1996), com sua irreverência crítica, “o Brasil não tem problemas, só soluções adiadas”.

Há um considerável número de palavras usadas no meio corporativo para traduzir aquilo que todo cidadão de bem e toda empresa lícita deveria praticar sem esforço: a honestidade. Os termos não variam muito e seguem um roteiro ditado pelo mundo da moda. *Compliance* é a bola da vez. Num bom português, isso significa andar na linha, ter compromisso com a integridade, satisfazer o que é determinado legalmente. Instituições e pessoas que cumprem seu dever de forma justa e honesta passam a ser tomadas, nos dias atuais, como exemplos de *compliance*. Num tempo em que a pessoa é considerada culpada até que prove sua inocência, parece mesmo ter sido ontem que César afirmou que sobre sua esposa Pompéia não deveria recair nenhuma suspeita. Não há aí nenhum julgamento moral, senão o desejo de que aquele que se afirma justo de fato o seja. O dito popular é direto e reto: à mulher de César não basta ser honesta, ela deve parecer honesta.

A honestidade não é coisa fácil. Exige integridade, virtude pouco comum nos tempos atuais. Promessa tem relação com juramento, que não necessariamente é um ato religioso, mas uma certeza de que a palavra dada basta. Lembra o antigo fio de bigode

trocado entre homens íntegros quando da realização de um acordo. Não era preciso papel assinado, com firma reconhecida em cartório. A soma da promessa com a credibilidade gera uma espécie de convicção de que algo será realizado. Essa atitude, comum em época de campanha eleitoral, leva o eleitor a contar com a certeza (ou ilusão) de que algo desejado será cumprido. E, assim, são conquistados apoios e votos.

O tempo é o melhor auditor para se afirmar *compliance*. Desde os tempos mais remotos, nossas instituições costumam não primar pelo princípio da democracia. Nasceram e cresceram imersas em um sistema autocrático, senão despótico. Com a verba pública, construíram seus sistemas de sucessão e de gestão conforme a conveniência. Nesse contexto, a cultura dita ideal se vulgariza à medida que se agiganta o modelo profissionalizante responsável pelo enorme crescimento do mercado educacional que paga mal os professores e entrega profissionais com pouca ou nenhuma formação humanística à sociedade. Assim, a educação de ponta não goza do mesmo prestígio da formação essencialmente instrumental e massificadora.

Sem planejamento de uma estrutura educacional consistente, a educação só se confirma como transmissão e assimilação de técnicas de fazer algo, destinada à conquista material do indivíduo (arrumar emprego melhor para comprar mais coisas e coisas melhores), atrelada à produtividade de um saber adquirido com base em modelos padronizados e conservadores. Com isso, é pouco estimulada a educação como formação crítica. Logo, impera a tendência formal e quantitativa, com hipervalorização de números, diplomas, certificados, titulações, currículos, sem questionamentos amplos sobre os direcionamentos desse modelo. Cresce a idolatria por resultados, metas, estratégias, normatizações e índices de desempenho e produtividade.

Convém salientar que a escola, para impulsionar a formação plena, precisa se transformar em um espaço cooperativo no

qual se intercalem a formação intelectual (consciência crítica), científica e artística de protagonistas sociais comprometidos eticamente com os desafios de construir outros mundos possíveis, fundados na partilha dos bens da Terra e dos frutos do trabalho humano. Nesse modelo, a elite cultural será aquela que tiver a capacidade de selecionar, interpretar e criar informação. Resultados positivos ou negativos dependerão de como as pessoas “metabolizarão” os conteúdos encontrados. Entretanto, o desenvolvimento intelectual e sensível da população encontra um terrível obstáculo no moralismo retrógrado que afeta a agenda de costumes no Brasil.

Queremos viver em grupo, mas, ao mesmo tempo, pretendemos ser elementos de destaque no grupo. Há sempre mais conforto nas decisões compartilhadas, no entanto desejamos que nossa opinião prevaleça. Tendemos a driblar os obstáculos, e não a enfrentá-los, o que raramente representa uma qualidade. Evitamos confrontos e preferimos formas esquivas. Não temos clareza e discernimento do que é público e do que é privado. Não entendemos como nossa a coisa pública e somos, assim, privados de nossos direitos. O sociólogo Chico de Oliveira (1933-2019) chegou a afirmar que o jeitinho brasileiro nasceu, justamente, “das contradições entre uma ordem liberal formal e uma realidade escravista”; teria sido um expediente para entrar na nova ordem capitalista sem precisar romper com a antiga ordem escravocrata, sem mexer na estrutura social do país. Nossa tensão educacional ocorre porque nela se expressa autoritariamente um velho hábito da política brasileira, conforme destaca o personagem machadiano Conselheiro Aires, em *Esaú e Jacó* (1904): “também se muda de roupa sem trocar de pele”.

\* Professor da Faculdade JK, no Distrito Federal. Jornalista formado pelo UniCEUB. Poeta, mestre e doutor em Estudos Literários pela UFMG.

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

# A CASA das REVISTAS

Trinta publicações científicas já migraram para a nova plataforma do Portal de Periódicos da UFMG

Tersa Sanches

“Tudo que nos une nos dá uma força incontestável. E é isso que vem ocorrendo com o Portal de Periódicos da UFMG.” A afirmação é da professora Edite Rocha, responsável, juntamente com o professor Fausto Borém, pela edição da revista *Per Musi*. Produzida há quase duas décadas pela pós-graduação da Escola de Música, a revista, classificada como Qualis A1, foi um dos primeiros dos 30 periódicos científicos – entre os 71 produzidos por professores, servidores e estudantes – que já migraram para a nova plataforma Open Journal System (OJS), do Portal de Periódicos Científicos da UFMG.

No mês de setembro, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) aprovou resoluções que instituem a política e o Comitê Gestor do Portal de Periódicos, que, desde então, está definido como um serviço destinado a aprimorar a qualidade e a visibilidade das publicações científicas produzidas no âmbito da Universidade, promovendo sua criação e permanência, por meio de apoio institucional e financeiro. “Caberá ao Comitê Gestor, representado por membros das pró-reitorias de Pesquisa e Graduação, da Biblioteca Universitária e dos periódicos científicos, a definição de critérios para normatização e uso desse serviço, em relação à produção e publicação”, explica o diretor de Produção Científica da Pró-reitoria de Pesquisa, professor Carlos Basílio Pinheiro, responsável pelo processo de institucionalização do Portal.

“O processo de migração para uma plataforma única, em versão atualizada, além de promover o sentido de comunidade científica, oferece às produções a marca UFMG e promove maior visibilidade, confiabilidade e segurança. Os editores recebem orientação e

apoio de uma equipe formada por servidores da Pró-reitoria de Pesquisa (PrPq), da Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI) e da Biblioteca Universitária. Vale lembrar que o processo de migração é individualizado e não interfere no funcionamento das revistas”, incentiva Carlos Basílio.

## Plataforma amigável

Para a editora da *Per Musi*, Edite Rocha, “inicialmente a migração foi assustadora, porque a transição dos dados não é totalmente automatizada, exigindo um trabalho extra, que tem de ser realizado manualmente”. Mas é algo, segundo ela, compensado muito rapidamente, “porque a plataforma tem muitos recursos *user friendly*, ou seja, é amigável, fácil de compreender e operar. Além disso, a equipe de apoio se desdobra para corresponder aos editores”.

Edite destaca também o Ciclo de Formação de Editores, coordenado pela PrPq, em parceria com a Biblioteca Universitária, como importante espaço para diálogo e orientação também sobre critérios de qualidade, leiaute, modelos e normas da Associação Brasileira de Editores Científicos (Abec). “Esse suporte tem contribuído para elevar o conjunto das revistas a padrão internacional. Esse é, sem dúvida, um passo muito importante dado pela UFMG”, afirma.

Os desafios enfrentados pelas revistas acadêmicas não são poucos, segundo Carlos Basílio. Há gastos com diagramação, tradução, aquisição de softwares para verificação de plágio e conversão do documento original em XML (padronização para publicação). Além disso, há exigências burocráticas como a aquisição de identificadores digitais (DOI, sigla em inglês), requisito para indexação da

publicação em bancos internacionais como o Scopus, importante para que ela seja referenciada – o primeiro edital para aquisição de DOI para artigos e resenhas de periódicos científicos já está disponível na página da Pró-reitoria de Pesquisa ([https://www.ufmg.br/prpq/wp-content/uploads/2019/12/edital\\_08\\_2019.pdf](https://www.ufmg.br/prpq/wp-content/uploads/2019/12/edital_08_2019.pdf)).

Para a editora da *Per Musi*, questões como essas tornam-se limitações à manutenção do alto padrão. “Naturalmente, quando se está à frente de uma publicação, o que mais se pretende é que ela seja, além de muito lida, também muito referenciada. Por isso, o apoio do Portal de Periódicos tem sido fundamental, tanto no aspecto financeiro quanto no que se refere à resolução de problemas que já estavam ficando incontornáveis, relacionados, por exemplo, a ações dos setores de compras e contabilidade”, comenta Edite Rocha.

## História ‘tão bonita’

A opinião é compartilhada pelo editor da revista do Centro Acadêmico Afonso Pena (Caap), da Faculdade de Direito, Igor Moraes Santos. Segundo ele, a migração para o Portal de Periódicos contribui para o resgate da imagem e da história “tão bonita” dessa publicação, que teve sua primeira edição na década de 1920, para a manifestação dos estudantes sobre questões internas à instituição ou de interesse nacional.

“Nesses tempos de tantos obstáculos para o sistema público de educação, esse suporte é fundamental, especialmente quando se trata de uma revista da graduação, feita por estudantes e para estudantes. Pretendemos recuperar nossa periodicidade e o objetivo original da revista, que é o de ser a porta de entrada para as primeiras experiências dos graduandos no processo de publicação, que envolve, entre outras etapas, a redação, a submissão para avaliação e a adaptação”, diz Igor Santos.

O Portal de Periódicos Científicos, segundo Carlos Basílio, está pronto para abrigar todas as publicações editadas por alguém com vínculo com a UFMG e que atendam a padrões mínimos de qualidade, que serão propostos pelo Comitê Gestor. “O objetivo não é policiar os periódicos, mas oferecer suporte e orientação para a conquista da qualidade. Atualmente, a UFMG conta com 71 periódicos, dos quais 12 já têm padrão internacional (e estão indexados em pelo menos duas bases internacionais), e 11 estão em processo de internacionalização (e estão indexados em uma base internacional)”.



Carlos Basílio (à direita), com Felipe Seppe e Carla Oliveira, da equipe gestora do Portal de Periódicos



# 60 anos. **BRAVO!**

*Ars Nova-Coral da UFMG comemora aniversário com participação de ex-integrantes nos concertos de Natal, nos dias 16, 18 e 19 de dezembro*

Beatriz Cordeiro Lopes\*

**B**elo Horizonte, fim da década de 1950. Entusiasmado com a música coral, um grupo de jovens começa a se reunir para praticar o canto em conjunto e fazer serenatas pela cidade. O ponto de encontro era a casa de Márcio José Veloso, próxima à Avenida Bias Fortes e à antiga sede do Diretório Central dos Estudantes da UFMG, na Rua dos Guajajaras. Iniciado de modo amador, o grupo vocal independente logo ganhou a regência do maestro Sérgio Magnani, um apelido, Coral da Juventude Universitária, e uma sala na União Estadual dos Estudantes (UEE), entidade que pouco tempo depois acolheu o grupo, então nomeado Coral da UEE.

Aquele era o começo do que viria a ser o Ars Nova-Coral da UFMG, que completa, neste ano, seis décadas de existência. Quem conta a história é o próprio Márcio Veloso, à época com 24 anos e hoje com 84, sendo 31 deles como integrante do coro. Advogado aposentado, Márcio atuou em diversas iniciativas do campo da cultura e em sua área de formação, mas atribui ao Ars Nova papel central em sua trajetória de vida. “O coral me marcou intensamente. Nós fizemos um trabalho de altíssimo nível, e é muito trabalho: exige harmonia, disciplina, competência, muita coisa”, atesta.

Em 1963, o maestro Carlos Alberto Pinto Fonseca (1933-2006) assume a regência do Ars Nova, que permaneceria sob sua batuta por 41 anos. No ano seguinte, a convite do reitor Aluísio Pimenta, o grupo passa a integrar os quadros da então Universidade de Minas Gerais, o que proporciona solidez ao trabalho do coro. Assim, de Coral da UEE, o grupo passa a Coral da UMG e, com a federalização e mudança de sigla da instituição, a Coral da UFMG. Finalmente, os integrantes do grupo o batizam com o nome que ele tem até hoje e com o qual ficou conhecido mundo afora: Ars Nova-Coral da UFMG, em referência a um movimento marcante da música ocidental surgido no século 14.



Concerto da primeira edição da série *Banquete de vozes do Natal*, no Museu Inimá de Paula, em 2017

## Formação e composição

Para o canto coral em Minas Gerais e no Brasil, o Ars Nova teve papel emblemático e multiplicador, contribuindo para a construção de um campo artístico e profissional. Numa época em que pouquíssimas instituições ofereciam cursos de música em Belo Horizonte, o coro cumpriu destacada função formativa para cantores e regentes. E mais: inspirou o surgimento de vários grupos de música vocal e fomentou a composição de obras para coro – o próprio maestro Carlos Alberto escreveu dezenas de peças e arranjos que logo se tornaram conhecidos.

Em 1967, Ana Maria Lana, hoje professora aposentada da Faculdade de Medicina da UFMG e musicoterapeuta, soube por um anúncio no jornal de um concurso do Ars Nova para novos cantores. Com formação em piano, mas sem qualquer experiência em canto, ela e sua irmã, Cida Lana, resolveram se aventurar na seleção e foram aprovadas. Assim criou-se o forte vínculo afetivo de Ana com o grupo, que ela integrou em dois períodos distintos: de 1967 a 1971 e de 2001 a 2004.

Dois anos depois de seu ingresso no Ars Nova, em 1969, Ana Lana participou da primeira viagem internacional do coro. Após ser selecionado entre vários outros corais brasileiros, o grupo participou do 2º Festival Internacional de Coros Universitários, promovido pelo Lincoln Center, de Nova York (EUA), com apresentações em turnê por várias cidades da costa leste americana. Ao final daquele Festival, quando todos os coros se reuniram em festa, ocorreu um dos momentos memoráveis da trajetória de Ana Maria Lana no Ars Nova. Profundamente tocado pelo assassinato de Martin Luther

King no ano anterior, o Morehouse College Glee Club, coro de homens negros da cidade de Atlanta, puxou uma homenagem ao líder do movimento negro estadunidense. “Eles fizeram todos se darem as mãos em uma roda gigantesca, e todos cantaram aquele hino da luta por direitos civis chamado *We shall overcome*. Foi emocionante, arrepiou até hoje”, relembra.

A essa viagem, seguiram-se diversas excursões do Ars Nova ao exterior, levando a 17 países de três continentes um vasto repertório, tanto ícones da tradição europeia quanto músicas inspiradas nas manifestações culturais populares do Brasil. Segundo Márcio, a recepção que o grupo tinha nos lugares aonde chegava era efusiva e calorosa, muitas vezes com a presença de autoridades locais, atestando seu reconhecimento em âmbito mundial. O contato com outras culturas e grupos não só expandia o nome da UFMG e do Ars Nova, como também enriquecia seu trabalho e ampliava a vivência dos cantores.

## Colaboração e harmonia

Professor no Departamento de Psicologia da UFMG e atual coordenador do Programa de Pós-graduação em Psicologia, Sérgio Cirino conta que o aprendizado que teve com a participação em grupos corais perpassou toda sua carreira profissional e reverbera, até hoje, em seu fazer acadêmico. Aos 10 anos, Sérgio entrou no Coral Professor Guilherme de Azevedo Lage, na escola municipal onde estudava, no bairro São Cristóvão, e, na adolescência, integrou o coro do Modern American Institute. Aos 18 anos, foi aprovado na audição do Ars Nova, onde ingressou em 1984 e permaneceu pelos cinco anos subsequentes, ao mesmo tempo que cursava a graduação em Psicologia na Universidade.

"A experiência nos corais, sendo o Ars Nova o principal deles, solidificou para mim certas dimensões do trabalho colaborativo, da busca pela harmonia", relata Sérgio, acrescentando que um reflexo desse "fazer junto" está em seus artigos científicos, escritos sempre em coautoria. "O coral ensina a estar atento, ouvir o outro e produzir harmonia respeitando a diversidade, sem apagar as diferenças. A experiência de cantar num coral e de ouvir um coral pode ser encarada pela perspectiva de que são muitas coisas diferentes que vão ficar bonitas pelo fato de serem feitas juntas", define ele.

Ana, Márcio e Sérgio são unânimes ao ressaltar o impacto que a participação em um coro de excelência teve para cada um de seus integrantes, que adquiriram autoconfiança. "Ser parte de um grupo de alto nível, fazendo um trabalho bonito e reconhecido, é uma experiência inigualável que nos acrescenta muito", afirma Ana. As histórias vividas ao longo de anos de Ars Nova renderam carreiras profissionais de relevo na música, amizades duradouras, relacionamentos e até novas famílias. Ana Lana foi casada com um companheiro do coral, o professor Roberto Monte-Mór, da Faculdade de Ciências Econômicas, com quem teve um filho, e o maestro Carlos Alberto uniu-se com a soprano e regente Ângela Pinto Coelho.

Os vínculos criados no contexto de viagens e intercâmbios se desdobraram para além do mundo da música. É o caso da amizade entre Sérgio Cirino e Xavier Pàmies, seu anfitrião no 3º Festival Internacional de Música de Cantonigrós, em 1985, na Catalunha, Espanha, onde o Ars Nova conquistou seu primeiro prêmio máximo internacional. Os dois amigos mantiveram contato em viagens internacionais e, de um exemplar de *Grande sertão: veredas*, presente de Sérgio, nasceu a primeira tradução da obra de Guimarães Rosa para a língua catalã, assinada por Xavier.

Para o presente e o futuro do Ars Nova, os ex-coristas manifestam o desejo de continuidade e renovação. Para eles, é importante que o grupo permaneça

forte, artisticamente rico e vivo, prestando serviço à Universidade e à sociedade e contando parte da história do coro por meio de suas atividades – como tem sido feito ao longo do ano comemorativo de 2019.

### História nos palcos

"Tem uma frase que a gente diz muito, brincando: a gente sai do Ars Nova, mas o Ars Nova não sai da gente. E ele não sai, nem sairá." Passados 60 anos desde a fundação do coro, a afirmação de Márcio Veloso parece se comprovar. Assim como ele, Ana e Sérgio, muitas das pessoas que passaram pelo Ars Nova – são mais de 450 – compartilham do mesmo carinho, admiração e gratidão pelo grupo e têm-se mobilizado em razão de seu aniversário.

Para coroar as celebrações, ex-integrantes homenagearão a história do coro ao mesmo tempo que serão homenageados na terceira edição da série *Banquete de vozes do Natal*. Nos concertos que fecham a programação anual do coro, eles subirão ao palco para entoar, junto ao atual corpo artístico do Ars Nova, três canções consagradas em seu repertório ao longo da história: *Exsultate Deo*, de Alessandro Scarlatti, que foi considerada hino do grupo durante décadas, *Hodie Christus natus est* e *Dona Nobis*, ambas composições de Carlos Alberto Pinto Fonseca – esta última é parte de sua célebre *Missa afro-brasileira*.

O *Banquete* será servido nos dias 16, 18 e 19 de dezembro, respectivamente no Auditório da Reitoria da UFMG, na Igreja

da Boa Viagem e no Museu Inimá de Paula, sempre às 19h30, com entrada gratuita e regência do maestro Lincoln Andrade. No cardápio, estão peças corais *a cappella* ou acompanhadas por instrumentistas da Escola de Música, desde Mozart até peças natalinas brasileiras, com direito a obras ainda inéditas no país.

### Estreias brasileiras

O Ars Nova-Coral da UFMG está vinculado à Escola de Música e desenvolve atividades extensionistas de promoção do canto coral. Conta com 22 cantores, regente titular, regente assistente e pianista correpetidor, além de equipe administrativa. Em 2017, o maestro e professor da Escola de Música Lincoln Andrade assumiu a regência e direção artística do Ars Nova, que, nesta nova fase, vem realizando estreias brasileiras de diversas obras contemporâneas, a exemplo da obra-prima *Passio Domini Jesu Christi Secundum Joannes*, do estoniano Arvo Pärt. Para Lincoln, "não é apenas uma honra e um orgulho dar continuidade ao projeto do Ars Nova. É, acima de tudo, um privilégio poder contribuir para que essa referência cultural brasileira, e posso dizer mundial, continue no mínimo por mais 60 anos, com tantos planos pela frente".

\*Assessora de Comunicação  
do Ars Nova-Coral da UFMG



Grupo se apresenta em Ouro preto, em dezembro de 2017



# CORAÇÃO VALENTE

*Estudo iniciado na UFMG revela dados inéditos sobre a eficácia de medicamento na prevenção de cardiotoxicidade em pacientes com câncer de mama expostas a quimioterapia*

Deborah Castro\*

**E**m sua dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Medicina, em 2018, a cardiologista Ariane Vieira Scarlatelli Macedo já havia constatado que o uso do dexrazoxano reduz em cerca de 80% o risco de insuficiência cardíaca em mulheres com câncer de mama que fizeram quimioterapia com antraciclina. Recentemente, Ariane aprofundou os estudos e avaliou o uso do cardioprotetor em diferentes estágios do câncer – do inicial até o mais avançado – e concluiu que a droga continua eficaz e não prejudica a ação do quimioterápico.

As conclusões de sua investigação acabam de ser publicadas na primeira edição da JACC CardioOncology, periódico científico internacional especializado em cardio-oncologia. “Verificamos que a droga permaneceu eficaz independentemente do estágio da doença. Esse é um dado importante porque ainda havia dúvidas sobre o tipo de paciente para quem se podia oferecer o medicamento. Trata-se de um resultado inédito, já que não havia estudos com esse grau de detalhamento”, comenta a pesquisadora.

Ariane Macedo também investigou outra preocupação da comunidade médica: a possibilidade de o dexrazoxano interferir no resultado de cura do câncer. O questionamento era se a droga impedia a ação da quimioterapia apenas no coração ou se também diminuía seu efeito no tumor. A cardiologista não encontrou nenhum sinal desse risco. Para isso, avaliou todos os desfechos oncológicos das pacientes que fizeram quimioterapia tomando a medicação cardioprotetora em comparação com as que não tomaram. Ela considerou a resposta do tumor – se reduziu sem sumir ou se desapareceu completamente –, bem como a sobrevida geral dessas mulheres.

“Todos os parâmetros que os oncologistas usam para resposta parcial ou a patológica completa, sobrevida geral ou sobrevida de nível de progressão (tempo até a doença voltar a aparecer) foram equivalentes para quem tomou o cardioprotetor e para quem não

o tomou. Esse é um dado de segurança que não existia”, afirma Ariane. A partir desses achados, ela acredita que está aberto um novo caminho para o uso, com grande margem de segurança, do dexrazoxano como medicamento associado à quimioterapia no combate ao câncer de mama.

“O diagnóstico de câncer provoca grande impacto na vida da paciente. O tratamento é longo, e o foco é mesmo acabar com o tumor. Mas a segurança do coração durante esse processo é muito importante. A alta taxa de cura, principalmente devido ao diagnóstico precoce, leva mais mulheres a sofrer com insuficiência cardíaca ou com outros problemas do coração decorrentes da quimioterapia”, ressalta a pesquisadora.

Segundo Ariane Macedo, a pesquisa focou o câncer de mama devido a sua alta prevalência, mas os dados servem para outras especialidades. “Os tumores infantis, principalmente os não sólidos como os hematológicos, usam muito a quimioterapia com antraciclina. Felizmente, são casos com alto índice de cura, mas essas crianças e adolescentes podem sofrer com um problema cardiovascular aos 20 ou 30 anos de idade”, informa. De acordo com Ariane, há estudos que mostram até cinco vezes mais prevalência de doenças cardiovasculares nessa população que passou pela quimioterapia com antraciclina, na comparação com grupos da mesma faixa etária que não se submeteram ao mesmo tratamento.

## Reconhecimento

Para Ariane Macedo, o ineditismo da sua pesquisa e dos resultados alcançados foi decisivo para que o seu artigo fosse aceito para publicação na primeira edição da JACC CardioOncology, da American College of Cardiology, especializada em um campo para onde convergem cardiologia e oncologia e no qual se inserem as doenças que mais matam no mundo.

A cardiologista comenta que a criação de uma revista científica indica que determinado campo tem chamado muita atenção, gera grande número de artigos e precisa de um espaço editorial para achados de alta qualidade e confiabilidade. “É uma evidência de que existem boas pesquisas na área e que o principal órgão de cardiologia do mundo, a American College of Cardiology, resolveu dedicar um braço de pesquisa para a cardio-oncologia”, comenta Ariane Macedo.

O artigo *Efficacy of dexrazoxane in preventing anthracycline cardiotoxicity in breast cancer* (em português, *Eficácia do dexrazoxano na prevenção da cardiotoxicidade da antraciclina no câncer de mama*) foi publicado em setembro de 2019 no site da JACC CardioOncology (<https://cardiooncology.onlinejacc.org/>). A revista é trimestral.

Ariane Vieira Scarlatelli Macedo é graduada em Medicina pela UFMG, com residência em Clínica Médica e Cardiologia no Instituto do Coração (Incor) da Universidade de São Paulo (USP), e mestre em Ciências Aplicadas à Saúde do Adulto pela UFMG. É fundadora e atual vice-presidente do Grupo de Estudos de Cardio-oncologia da Sociedade Brasileira de Cardiologia. Atualmente, ela atua como médica assistente do ambulatório de cardio-oncologia da Santa Casa de São Paulo.

\*Jornalista do Centro de Comunicação da Faculdade de Medicina da UFMG



Ariane Macedo: novo campo tem gerado grande número de artigos

### PROTAGONISMO ESTUDANTIL

A Pró-reitoria de Graduação divulgou novas regras para o Programa de Monitoria de Graduação 2020-2021, que oferece 760 bolsas anuais para estudantes matriculados nos cursos de graduação. Uma das novidades é a reserva de 25% das vagas para políticas de ação afirmativa.

A partir de agora, os departamentos e congregações de unidades acadêmicas devem apresentar projetos com o número de bolsas previstas para os programas de monitoria que, sendo aprovados, terão duração de dois anos. Na antiga configuração, cada unidade acadêmica tinha direito a cota fixa de bolsas, que era renovada anualmente.

O período para submissão das propostas será de 9 de dezembro até 3 de fevereiro de 2020. Os critérios para inscrição e os parâmetros para elaboração das propostas estão disponíveis na página da Prograd na internet (<https://www.ufmg.br/prograd/arquivos/bolsas/monitoria/Chamadapmg.pdf>).

O Programa de Monitoria, iniciado em 1959, é o pioneiro entre os seis programas de bolsa oferecidos pela Prograd e contribui para redução da retenção e evasão nas disciplinas, além de ser a porta de entrada para o trabalho docente e para a pesquisa. Passou por reformulações ao longo do tempo e, após a mudança do perfil do corpo docente da Universidade, provocadas pela Lei de Cotas, por exemplo, cresceu a demanda por bolsas.

### PRODUÇÃO NA FACHADA DIGITAL

Até o dia 22 de dezembro, a Fachada Digital do Espaço do Conhecimento UFMG exibe, diariamente, das 18h às 22h, vídeos e fotografias que divulgam a produção da Universidade em pesquisa, extensão e ensino, nas diversas áreas, como artes, ciências humanas, sociais, exatas e biológicas.

O UFMG Acontece reúne vídeos e fotografias também de outras iniciativas que não se restringem aos campi da UFMG, como do Projeto Patrimônio Construído, que lança um olhar para as edificações históricas de Minas Gerais, e o filme *Lã do campo redondo*, que destaca os picos e vales da Serra da Mantiqueira.



Presépio do Pípiripau: vida e morte de Cristo com artes e ofícios da cidade

### CORAIS NO PÍPIRIPAU

No dia 14 de dezembro, os corais do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) e da Organização de Aposentados e Pensionistas da UFMG (OAP) integram a última sessão de apresentação do Presépio do Pípiripau neste ano.

Instalado no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, o Presépio foi criado ao longo do século 20, pelo artesão Raimundo Machado, e sincroniza 586 figuras móveis, distribuídas por 45 cenas, que contam a história da vida e da morte de Jesus Cristo, costurada ao cotidiano de uma cidade, com sua variedade de artes e ofícios.

A sessão começa com uma breve explanação sobre a obra e seu autor. Na sequência, o Presépio é ligado e as centenas de peças que o compõem entram em movimento. Cada sessão tem a duração aproximada de 15 minutos. O coral do ICB se apresentará após a sessão das 11h, e o da OAP, após a sessão das 17h.

A entrada custa R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia, para estudantes menores de 18 anos e pessoas acima

### CONVIVÊNCIA NAS MORADIAS

Estão abertas, até 13 de dezembro, as inscrições de projetos para convivência nas moradias universitárias. Podem participar estudantes e servidores ativos da UFMG, e cada candidato poderá fazer uma única proposta nas áreas de cultura, promoção da saúde, esporte e lazer. Serão contemplados cinco projetos para as moradias Ouro Preto I, II e III em Belo Horizonte, e três, em Montes Claros.

Os proponentes também poderão solicitar financiamento de até R\$ 500 para realizar suas atividades no período de 1º de março a 30 de junho de 2020. Para projetos selecionados de alunos da graduação assistidos pela Fump, há a possibilidade da concessão de uma bolsa de R\$ 400 mensais.

O edital e o formulário para protocolar a inscrição estão disponíveis na página da Fundação Mendes Pimentel (<http://www.fump.ufmg.br/>), e as propostas devem ser enviadas para [convivencia@fump.ufmg.br](mailto:convivencia@fump.ufmg.br) ou entregues na Moradia Ouro Preto I (Avenida Fleming, 349, bairro Ouro Preto, Belo Horizonte) e na Fump em Montes Claros (Rua da Agronomia, 270, Bairro Universitário).

### FÉRIAS NOS RESTAURANTES

A partir do dia 9 de dezembro, até 29 de fevereiro de 2020, os Restaurantes Universitários (RUs) terão horários de funcionamento alterados, por causa das férias escolares.

O Setorial I, no campus Pampulha, e o RU da Faculdade de Direito estarão fechados nesse período.

O Setorial II, também na Pampulha, e o restaurante do campus Saúde funcionarão de segunda a sexta-feira, para almoço, das 11h às 14h.

Em Montes Claros, o RU do Instituto de Ciências Agrárias funcionará de segunda a sexta-feira, servindo almoço, das 11h às 13h30. De 27 de janeiro a 7 de fevereiro, o restaurante estará fechado para reformas, e o funcionamento normal será retomado em 10 de fevereiro.



# Do TERCEIRO ANDAR para o MUNDO

Projeto de extensão do Departamento de Comunicação Social, web rádio veicula produções de estudantes sobre temas relevantes do cotidiano

Joice Lopes\*

**G**abriel Faleiros, aluno do oitavo período do curso de Jornalismo, produziu, neste ano, a reportagem *A luta pelo direito à moradia na Vila Acaba Mundo*, que aborda os resultados de um trabalho jurídico realizado pelo programa de extensão Polos de Cidadania, vinculado à Faculdade de Direito, na comunidade da região sul de Belo Horizonte, que sofria com a especulação imobiliária. A reportagem foi veiculada na sexta temporada da Rádio Terceiro Andar, projeto de extensão vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFMG. Na web rádio, estudantes e pessoas da comunidade externa interagem na abordagem de questões relevantes para a sociedade.

A Rádio Terceiro Andar foi criada em 2017, com a turma do quarto período. Baseada em experiências de produção radiofônica da professora Sônia Pessoa, coordenadora do projeto, a iniciativa



Gabriel Faleiros entrevista o servidor Romerito Nascimento

é, também, fruto da disciplina laboratorial Rádio e Mídias Digitais e do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades. Para Sônia Pessoa, “a extensão parte do vínculo determinado pela participação mútua. Isso possibilita que redes sejam estabelecidas para fora da Universidade”.

O primeiro ano do projeto foi dedicado principalmente à estruturação da identidade da emissora, mas os alunos já produziam no laboratório de rádio da Fafich. Agora, já no final da sexta temporada, a proposta é a criação de um radiodocumentário.

## Conhecimento em mão dupla

Larissa Reis, do 5º período, escolheu falar do sonho de crianças de comunidades carentes com a profissionalização no futebol. Para desenvolver a reportagem, ela visitou, entre outros locais, o Campo

São Bernardo, localizado na região da Pampulha, onde entrevistou jovens atletas e técnicos que usam a infraestrutura pública para os treinamentos. Ela acredita que “essa produção, além de ajudar a lidar com as questões com as quais um jornalista depara cotidianamente, pode levar o conhecimento gerado na academia para fora da Universidade e também promover o movimento inverso”.

Na linha da divulgação científica, a rádio também abriga atividades do projeto Teoria em Prosa: Saberes em Comunicação, coordenado pelos professores Bruno Souza Leal, Camila Mantovani, Phellipy Jácome e Sônia Pessoa, que convida profissionais consagrados para, de forma mais acessível, abordar conteúdos acadêmicos na rádio.

Como a rádio está inserida no contexto de uma disciplina fundamentada nas mídias digitais, ela surgiu no formato web. Contudo, em 2018, o projeto de extensão passou a integrar a programação da Rádio UFMG Educativa. Às terças-feiras, um novo episódio é veiculado na emissora. Sônia Pessoa explica que essa parceria é importante porque a UFMG Educativa tem um outro tipo de alcance. “Como se trata de uma emissora FM, o vínculo propicia a troca com públicos que a web rádio não atinge normalmente.”

## Prêmios e destaques

Apesar de recente, o projeto já ocupou novos espaços e rendeu reconhecimento. Em 2018, a série *Eu existo e me movo: experiências e mobilidade de pessoas com deficiência* foi apresentada na Intercom Sudeste 2018 e no 3º Fórum de Rádios e TVs Universitárias, em 2019 – ambos os eventos são organizados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. O projeto também foi premiado no 3º Seminário do Programa de Apoio à Inclusão e Promoção à Acessibilidade (Pipa), durante a 27ª Semana do Conhecimento da UFMG.

Também neste ano, Gabriel Faleiros teve reportagem reconhecida com o Prêmio Jovem Jornalista Fernando Pacheco Jordão, iniciativa do Instituto Vladimir Herzog. O trabalho feito ao longo de 2019 expôs o cotidiano e os sentimentos de dois refugiados venezuelanos recém-chegados a Belo Horizonte. Gabriel mantém-se vinculado à Rádio Terceiro Andar desde que cursou a disciplina, em 2017, e esse vínculo foi um dos motivos que o fizeram escolher a web rádio como veículo para divulgação de sua reportagem e a professora Sônia Pessoa como sua orientadora nesse trabalho.

Mais informações sobre a Rádio Terceiro Andar – o nome é referência ao pavimento da Fafich onde é realizada a maioria das atividades – estão no site do projeto ([radioterceiroandarufmg.wordpress.com](http://radioterceiroandarufmg.wordpress.com)) e no Facebook ([www.facebook.com/RadioTerceiroAndar](http://www.facebook.com/RadioTerceiroAndar)).

\*Bolsista da Assessoria de Comunicação da Proex